



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

ANÁLISE DE DISCURSO: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

SPEECH ANALYSIS: INTRODUCTORY REFLECTIONS

Débora Pereira Lucas Costa¹
Simone de Sousa Naedzold²

Resumo:

O presente texto contempla as reflexões trabalhadas em minicurso ministrado durante o I Simpósio Internacional de Ensino de Língua Literatura e Interculturalidade (I Sielli). Tendo como escopo a área da Análise de Discurso, aborda-se elementos teóricos e metodológicos básicos passando pela história da disciplina, princípios e conceitos ancorados nos pensamentos do filósofo francês Michel Pêcheux e da pesquisadora brasileira Eni Orlandi. Para apresentação do funcionamento metodológico e do dispositivo analítico, trabalhamos principalmente com os conceitos de discurso, texto, condições de produção, sujeito, ideologia, formações discursivas, formações imaginárias e memória. Esta produção integra as atividades do Grupo de Pesquisa Educação e Estudos de Linguagem (GedEL/Unemat).

Palavras-chave: Teoria. Método. Discurso.

Abstract:

This text contemplates the reflections worked in a mini-course given during the I International Symposium on Language Teaching, Literature and Interculturality (I Sielli). With scope in the area of Discourse Analysis, basic theoretical and methodological elements are addressed, including the history of the discipline, principles and concepts anchored in the thoughts of the French philosopher Michel Pêcheux and the Brazilian researcher Eni Orlandi. To present the methodological functioning and the analytical device, we work mainly with the concepts of discourse, text, conditions of production, subject, ideology, discursive formations, imaginary formations and memory. This production is part of the activities of the Research Group Education and Language Studies (GedEL/Unemat).

Key words: Theory. Method. Speech.

Introdução

Para a Linguística constituir-se em Ciência no início do século XX, muita coisa precisou acontecer. Franz Bopp em 1816 apresentava estudos comparativos entre o sânscrito e as línguas gregas, latinas, persa e germânica. Antes dele, em 1660, os gramáticos de Port Royal apresentavam a ‘Gramática de Port Royal’ ou ‘Gramática Geral e Razoada’ e, em 1662, ‘A lógica’ ou ‘A arte de pensar’ fazendo um compêndio das pesquisas da época, principalmente

1 Mestre em Letras. Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat/Cáceres. E-mail: debora.costa@unemat.br.

2 Mestre em Linguagens e Letramentos. Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat Cáceres. E-mail: simone.naedzold@unemat.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

referindo-se aos estudos de Latim. O método de Port Royal partia sempre dos ‘sons’ da língua materna, dizem-nos Arnaud e Lancelot (2001).

Cem anos depois de Bopp, em 1916, publica-se o ‘Curso de Linguística Geral’, de Ferdinand Saussure e os estudos sobre a língua ganham novo capítulo. Condillac, no final do século XVIII, Taine, Charles Bally, Saussure, Michel Bréal, Meillet, Hermann Paul, Frege, Jakobson Bakhtin e Peirce no século XIX e Benveniste, Grice, Searle, Austin, Chomsky, Ducrot, Pêcheux, Orlandi, já no século XX, publicaram e alguns ainda publicam muitos estudos e realizam pesquisas que vão dar origem aos Estudos Linguísticos como os temos hoje. A partir desses pesquisadores, desenvolvem-se a Linguística Aplicada, a Sociolinguística, a Análise de Discurso, a Semiótica, a Enunciação, e tantas outras vertentes que originam linhas de pesquisas diferentes e que em alguns pontos se afastam e em outros se aproximam ou coadunam.

Observamos que Saussure é criticado por focar em seus estudos mais sobre a língua e deixar a fala de lado. Saussure era um estruturalista que queria mudar o *status* da Linguística como disciplina para Linguística como Ciência da Linguagem e, por causa de seus estudos é que a Linguística se transforma em Ciência e define por seu objeto ‘a língua’, pois esta sofria poucas alterações ao longo do tempo, ao contrário da fala. No entanto, esta dicotomia Langue/Parole continua a ser estudada por Saussure. Saussure fez um recorte temporal do objeto língua para estudá-lo. Organiza em forma de sistema relacionando cada termo com outro. O sistema é o modo como cada comunidade linguística organiza seus elementos. Combinação, relação, associação – termos referentes à estrutura. Saussure procurou na língua o que é comum, o que é mais abrangente e como estão relacionados. Isto para ele era o sistema. O objeto da Linguística é a língua. O interesse é o estudo do sistema. O valor está na diferença dos termos comparados.

Saussure explicou em sua obra sobre os circuitos de fala. Nestes, observamos o ‘eu’ que fala com um ‘tu’ e um ‘tu’ que vira ‘eu’ ao responder. Pêcheux vai usar este processo, mas o aprofunda discursivo e linguisticamente, como veremos mais adiante.

Análise de Discurso

A Análise de Discurso tem sua fundação na década de 1960 com Michel Pêcheux, na França, tendo como fundamentos, conforme Maldidier (2003, p. 38) o “[...] materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria da ideologia”, pois a história não é transparente ao sujeito, e os sujeitos são construídos (pela) e constroem a história, e assim, a materialidade histórica influencia no sentido do pensar e no sentido que as palavras tomam dependendo do contextos e dos falantes; a “[...] linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação” (MALDIDIER, 2003, p. 38), pois a língua não é transparente e cada palavra vai ter seu significado.

A Análise de Discurso não julga discursos, ela os analisa, expõe as várias possibilidades do real (da língua) e suas múltiplas e diversas formas de interpretação. Maldidier (2003, p. 38) afirma a “[...] teoria do discurso como teoria da determinação dos processos semânticos”, pois, para a Análise de Discurso, as palavras são essencialmente polissêmicas e por meio de paráfrases podem-se observar os vários sentidos que possuem e a teoria do discurso está



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

relacionada com outro fundamento que é a teoria da subjetividade de natureza psicológica (psicanálise) porque o sujeito também não é transparente nem para si mesmo e, deste modo, observa-se a opacidade do sujeito e da linguagem.

É necessário um afastamento para observar o sujeito, suas nuances, suas falas, suas falhas, os sentidos possíveis. Pêcheux e outros analistas de discurso vão deslocar parte da dicotomia língua e fala preconizada por Saussure. A Análise de Discurso, ao invés de considerar a Língua e a Fala, vai focar em outra dicotomia Língua/Discurso, pois, para a Análise de Discurso, a exterioridade considera o sujeito e a história perpassados, atravessados pela ideologia como constitutivos do discurso. Neste sentido, a Análise de Discurso afasta-se do Estruturalismo.

E a relação da Análise de Discurso com a língua também se modifica, pois, para esta disciplina, a língua é social como afirma Saussure, mas não é só estrutura e sim acontecimento, pois a forma material é vista como acontecimento do significante em um sujeito afetado pela história. A materialidade discursiva remete às *condições verbais de existência dos objetos*, diz Pêcheux (2015) e Orlandi (2017, p. 45) afirma que os “[...] objetos já vêm, pois, significados dadas as condições verbais de sua existência. Isto é historicidade, interdiscurso e memória discursiva”, e esta formulação (*condições verbais de existência dos objetos*) “[...] concebe que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” e, neste sentido, “a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido”. (ORLANDI, 2017, p. 45).

Em ‘Análise Automática do Discurso’ (2019), Pêcheux apresenta um deslocamento da Linguística como sistema fechado, do sujeito abstrato e que tomam a frase como objeto de análise comuns à Pragmática e ao Funcionalismo e toma o sujeito em sua materialidade. “Isto supõe que é *impossível analisar um discurso* [...] como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção. (PÊCHEUX, 2019, p. 35, grifo do autor).

Pêcheux considera também estudos sobre o enunciado, porém toma este termo na perspectiva discursiva. Para o dispositivo de análise AAD69, Pêcheux toma o discurso (efeitos de sentidos entre locutores) e por isso se afasta das vertentes teóricas citadas anteriormente.

Propondo uma via nova à Análise de Conteúdo, o filósofo francês Michel Pêcheux funda a Análise de Discurso (AD). O percurso tem como marco a publicação, em 1969, de sua tese de doutorado intitulada Análise Automática do Discurso e é resultado de reflexões e trabalhos anteriores produzidos pelo autor. A AD se institui como uma disciplina de entremeio, como uma ciência da linguagem, questionando três grandes áreas de conhecimento: a Linguística saussureana, a Psicanálise freudo-lacaniana e o Materialismo marxista-althusseriano. É nessa tese que Pêcheux define o seu objeto de estudo - o discurso - como o que “[...] não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2019, p. 39).

Pêcheux reflete sobre a relação língua e fala, proposta pelo linguista e filósofo suíço Ferdinand Saussure, colocando em questão a língua como um sistema fechado, homogêneo e estável. O filósofo francês, junto com a linguista Françoise Gadet, pensa sobre o “[...] impossível ou o insuportável da língua que a linguística finge desconhecer [...]” (DI RENZO,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2005, p. 223). Uma reflexão que se evidencia no livro *La Langue introuvable* (A Língua Inatingível), publicado na França, em 1981, e traduzido no Brasil, em 2003.

Frente a uma hipotética neutralidade da gramática e uma univocidade da língua, Pêcheux destaca que as palavras não significam em si, nem por si mesmas, e os sentidos não são simples mensagens a serem decodificadas ou conteúdos. Pêcheux e Gadet (2015, p. 103-104) explicam que pensar sintaticamente sobre um enunciado sempre revela um pouco mais sobre o seu significado ao compreendê-lo em relação a outros enunciados, o que implica em uma tomada de posição em relação à língua.

As regras da língua não podem ser consideradas como regras categóricas – no sentido de que uma regra deve ou não deve ser aplicada. Em vez disso, as regras da língua devem ser vistas como intrinsecamente possibilitadoras dos jogos ideológicos e das latitudes discursivas. (PÊCHEUX E GADET, 2015, p. 102)

Henry (2014a, p. 55), refletindo sobre a história e as relações com as ciências humanas, aponta que o homem não está somente preso a uma evolução biológica, não tem somente um desenvolvimento individual físico, fisiológico, intelectual e moral, mas tem uma história e fala. O pesquisador afirma que em diferentes períodos e vertentes, a língua aparece “[...]” como constituinte não somente do humano em oposição ao não humano do ponto de vista do ser (o que encontrávamos já, entre outros em Kant), mas também de uma certa identidade nacional, cultural etc., enfim, de alguma coisa que diríamos hoje ser da ordem do *sujeito*” (HENRY, 2014a, p. 49).

Para a Análise de Discurso, a língua está na fronteira com a impossibilidade de estabelecer limites e com a incompletude. É passível do equívoco que “[...]” aparece como o ponto em que o impossível (linguístico) se une com a contradição (histórica)” (MORALES, 2005, p. 220). A tarefa do analista de discurso é dar visibilidade aos equívocos da língua. Para significar, a língua se inscreve na história e as formulações produzem efeitos segundo a ideologia, que interpela os indivíduos em sujeito, o que é explicado por Pêcheux, no livro *Les Vérités de La Palice* (Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio), publicado na França, em 1975.

Seguindo o pensamento de Louis Althusser, Pêcheux explica o conceito de formação discursiva – os lugares de constituição de sentido: “[...]” aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2014a, p. 147). E complementa o pensamento explicando que:

[...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se referam a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade (PÊCHEUX, 2014a, p. 147).

A língua é entendida, assim, como um sistema simbólico, que se inscreve na história para significar e é constitutiva do sujeito, escapando à normatividade e ao “logicamente



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

estabilizado” (DI RENZO, 2005, p. 224). É um sistema aberto, que torna a superfície linguística uma unidade analítica em relação com a exterioridade que a constitui.

Esse caráter de busca incessante que nunca se completa, essa língua que não se deixa alcançar, mas que está sempre na visada do sujeito, como alvo constante, essa língua intangível, a qual sempre se procura, mas nunca se encontra, representa o movimento do desejo do sujeito do inconsciente [...] a língua da falta, a língua da falha, a língua do equívoco (FERREIRA, 2005, p. 217).

A língua é a materialidade do discurso e não há discurso sem sujeito. “Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua” (ORLANDI, 1999, p. 18). Então, A e B citados por Pêcheux ao conceituar discurso, conforme destacado no início desse trabalho, não se referem a um emissor e um receptor, um destinador e um destinatário (como na Teoria da Comunicação de Jakobson), por exemplo. Pêcheux refere-se a locutores, interlocutores, sujeitos, que não são indivíduos, são posições em uma formação social, são projeções no funcionamento das formações imaginárias. O sujeito da Análise de Discurso é assujeitado e esse assujeitamento não é quantificável.

O sujeito está vinculado ao simbólico, submete-se à língua e à história. É sujeito na relação com a ideologia. “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, 1999, p. 17). A pesquisadora brasileira explica que as noções de indivíduo e sujeito são distintas, ainda que estejam ligadas em sua constituição. O indivíduo (pisco-biológico) ao nascer, é afetado pelo simbólico (pela língua), e interpelado em sujeito pela ideologia, pelo imaginário que o liga a suas condições de existência. O processo de constituição do sujeito tem dois momentos principais: o da interpelação do indivíduo pela ideologia e o da individuação da forma-sujeito pelo Estado, que articula o simbólico e o político, administrando as relações de poder na sociedade. Há ainda nesse processo, as imagens que envolvem o sujeito socialmente e o modo como ele é significado.

A forma-sujeito - expressão empregada por Pêcheux para designar o “sujeito ideológico” - é historicamente determinada, nas diferentes formas sociais. O sujeito da sociedade atual, capitalista, é ao mesmo tempo livre e submisso, afirma Orlandi (1999). É o efeito de uma sociedade capitalista. É um sujeito que pode dizer o que quiser, contanto que se submeta à língua. É um sujeito assujeitado, determinado pela exterioridade, na relação com os sentidos, mas que tem o imaginário de ser mestre de suas palavras, determinador do que diz. Uma ilusão de ser a origem da linguagem, de ser um sujeito de decisão.

Orlandi (2015) explica que o sujeito efeito de uma sociedade capitalista é a forma sujeito-de-direito ou sujeito-jurídico, diferente do sujeito da Idade Média, que se apresentava em uma forma subordinada ao discurso religioso.

Com a transformação das relações sociais, o sujeito teve de tornar-se seu próprio proprietário, dando surgimento ao sujeito-de-direito com sua vontade e responsabilidade. A subordinação explícita do homem ao discurso religioso dá lugar à subordinação menos explícita, do homem às leis: com seus direitos



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

e deveres. Daí a ideia de um sujeito livre em suas escolhas, o sujeito do capitalismo. A crença na Letra (submissão a Deus) dá lugar à crença nas Letras (submissão ao Estado e às Leis). Crença nas cifras, na precisão” (ORLANDI, 2015, p. 51).

Tem-se, assim, a relação do sujeito com a linguagem enquanto parte de sua relação com o mundo. Conforme Orlandi (2012), o estabelecimento do sujeito corresponde ao estabelecimento das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado:

Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora, o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação (ORLANDI, 2012, p. 106).

O sujeito é, então, o resultado de um assujeitamento ao simbólico pela ideologia e de um processo referido pelo Estado. No caso do sistema capitalista, é um indivíduo livre de coerções e o assujeitamento ao simbólico é o que torna possível a resistência, a contradição ou não do sujeito ao modo pelo qual o Estado o individualiza. “É dessa maneira complexa que podemos pensar a questão do sujeito, da ideologia e da resistência como algo que não se dá apenas pela disposição privilegiada de um sujeito que, então, poderia ser ‘livre’ e só não o é por falta de vontade” (ORLANDI, 1999, p. 25).

Morales explica que a construção da significação escapa ao domínio total do sujeito devido a uma ordem interna da língua e à ordem da história que funciona independentemente do sujeito.

Discursivamente, não existe sujeito origem de seu dizer, auto-suficiente ou inteiramente determinado. Existe um espaço da subjetividade onde jogam os mecanismos discursivos da relação com a alteridade. É o espaço do *real*, ali no limite em que a linguagem tropeça” (MORALES, 2005, p. 221).

O sujeito, para a Análise de Discurso, não sabe quando ouviu pela primeira vez determinada formulação. É constituído pela memória discursiva que é estruturada pelo esquecimento e é a forma como os sentidos vão fazendo efeito no sujeito.

É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retomam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem (ORLANDI, 2015, p. 52).

Vem daí a ilusão de que os sentidos nascem no sujeito. A ideologia torna, pelo imaginário, evidente o que não é evidente, ou seja, produz um efeito de transparência da



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

linguagem e de evidência do sentido. Pêcheux (2014a, p. 146) ressalta que é a ideologia que fornece as evidências “[...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem””.

O sujeito ao falar, ao produzir sentidos, já está interpretando. Henry (2014a, p. 55) destaca que “[...] não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências”. A história, assim, é entendida como esse fazer sentido, “ainda que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso”.

A interpretação é um gesto, um ato simbólico, que intervém no sentido. É no gesto de interpretação que se flagra os funcionamentos ideológicos e esses gestos se acumulam constituindo o interdiscurso. A interpretação se organiza na relação entre língua, memória e ideologia, que não pode ser compreendida como ocultação. A ideologia é a relação imaginária com as condições de existência, o modo como se constrói e projeta a realidade. Ninguém está fora da ideologia. A ideologia não tem exterior.

Rasia (2005) aponta o princípio da contradição como basilar para a Análise de Discurso. Recorrendo à Courtine (1981), a pesquisadora explica que os processos de identificação/desidentificação se manifestam no interior das formações discursivas, “[...] as quais não têm fronteiras resguardadas de sua exterioridade”. (RASIA, 2005, p. 232). Pêcheux (2014) explica que no efeito de identificação, o indivíduo interpelado em sujeito se assujeita livremente. Já na desidentificação há uma transformação na forma-sujeito.

É a ideologia que, conforme Paul Henry (2014b, p. 23), “[...] produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes”. Ao explicar que a ideologia tem a função de fazer com que os agentes reconheçam seu lugar nas relações sociais de produção, o autor diz ainda que as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes de produção do sistema de produção não se produzem de modo explícito: “[...] coloque-se aqui, este é seu lugar no sistema de produção”. Assim o que “[...] precisa ser compreendido é como os agentes desse sistema reconhecem eles próprios seu lugar sem terem recebido formalmente uma ordem, ou mesmo sem saber que têm um lugar definido no sistema de produção” (HENRY, 2014b, p. 25).

Interpelado pela ideologia, o sujeito ocupa uma posição no discurso e constrói seu dizer nas bases do imaginário com o qual ele se identifica. Compreende-se, assim, que a Análise de Discurso questiona a Linguística saussureana sobre a existência do sujeito. À Psicanálise freudo-lacaniana aponta a relação da história com os sujeitos. E ao Materialismo mostra o funcionamento da língua. “Desde que se ingressa na ordem do discurso, está-se no campo do político, pois a língua e o sujeito estão desde sempre sujeitos à ideologia” (RASIA, 2005, p. 232).

A Análise de Discurso considera a língua na sociedade e na história, fazendo intervir a ideologia. Uma língua instável, opaca e heterogênea, posta em funcionamento por um sujeito assujeitado. A língua em sua condição de materialidade simbólica do discurso, que tendo em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (ORLANDI, 2015), procura dar conta da linguagem no sujeito desde a mente até o uso (ORLANDI, 2004). “O discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2015, p. 15).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Considerações finais

A Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux, na década de 1960, na França, desenvolve através do materialismo histórico, da linguística, da teoria do discurso e da psicanálise, visões menos ingênuas da realidade, promovendo reflexões sobre os sujeitos e suas inscrições, sobre os dizeres e seus sentidos possíveis. Esta disciplina possibilita o engajamento de pesquisadores de diferentes áreas, autores com novas reflexões e diferentes modos de abordar até aquilo que parecer ser o mesmo e não o é.

Deste modo, as reflexões propostas durante o minicurso sobre os preceitos teórico-metodológicos da Análise de Discurso contemplaram a história da disciplina, princípios e conceitos ancorados nos pensamentos do filósofo francês Michel Pêcheux e da pesquisadora brasileira Eni Orlandi. Ao trabalharmos os conceitos de discurso, texto, condições de produção, sujeito, ideologia, formações discursivas, formações imaginárias e memória, suscitou, nos participantes, inferências muito importantes e que colaboraram para um entendimento mais significativo destes conceitos.

Referências

ARNAUDLD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal ou Gramática geral e razoada**. 2. ed. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DI RENZO, Ana Maria. La Lengua de nunca acabar: o real da língua e o real da história. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 223-230.

FERREIRA, Maria Cristina. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. *In*: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 213-217.

HENRY, Paul. A história não existe? *In*: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Unicamp, 2014a, p. 31-56.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani. Campinas, SP: Unicamp, 2014b, p.11-38.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

MORALES, Blanca. O real da língua e o real da história: considerações a partir do texto *La Lengua de nunca acabar*. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 219-222.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos**. n. 04, Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/NUDECRI, Campinas, SP: Unicamp, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (org.). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015, p.151-161.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Tradução de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. **Décalages**. v.1, 2014b, p. 1-22.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. A língua inatingível. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Tradução de Sérgio Augusto Freire de Souza. Campinas, SP: Pontes, 2015, p. 93-106.

RASIA, Gesualda. O estranho espelho da análise do discurso: um diálogo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. Campinas, SP: Unicamp, 2005, p. 231-234.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.